

Gilberto Vieira, Presidente da Associação de Turismo em Espaço Rural Casas Açorianas

# “Na gastronomia estamos claramente a dar passos errados”

Na segunda parte da entrevista a Gilberto Vieira, pioneiro do Turismo em Espaço Rural e de Natureza, abordamos temas como a sustentabilidade, a genuinidade açoriana e o relacionamento desta entidade associativa com os diferentes departamentos da tutela regional. Entre outras coisas, o nosso entrevistado diz, que os açorianos sabem acolher bem quem nos visita, mas “já quanto à gastronomia as coisas são bem diferentes do que era há tempos atrás, mas para pior”.

O Gilberto Vieira sempre foi uma pessoa que identificamos como um defensor do ambiente e da sustentabilidade, e as Casas Açorianas ostentam símbolos de preservação ambiental e praticam aquilo a que gostam de chamar de genuinidade açoriana. Os Açores têm tirado partido das distinções que recebem, e neste aspecto continuam no bom caminho?

“Essa pergunta dava quase para toda a entrevista, mas vou tentar ser sintético dividindo aqui a questão ambiental da genuinidade açoriana. Os Açores têm a certificação internacional de ouro como “Destino Sustentável”, o que deve ser um orgulho e uma linha de conduta para todos os açorianos, em especial para os que trabalham nas diferentes áreas do turismo.

Mas como sabemos, se foi difícil ao arquipélago conquistar esta distinção, não é menos verdade que será por ventura ainda difícil mantê-la. Podemos ter aqui uma situação algo contraditória que temos de saber ultrapassar, se por um lado o termos a distinção Ouro como “Destino Sustentável”, é certamente um destaque para a nossa promoção e atrairá mais turistas, por outro lado todos sabemos que a pegada ambiental deixada pelos turistas é elevada.

É a este equilíbrio que temos de estar atentos e deixava três considerações, a começar pela aprovação de construções exageradamente volumosas, e dava foco aqui ao caso dos hotéis. Temos de estar atentos à concentração de turistas em determinadas ilhas, em especial nas cidades, temos de estar atentos aos apoios financeiros dados a determinados eventos que possam deixar uma pegada ambiental forte”.

E quanto à genuinidade açoriana, quer no acolhimento aos turistas, quer naquilo que lhe é oferecido?

“Boa pergunta, sobre as gentes dos Açores e a sua genuinidade e quanto ao receber bem, ninguém tem dúvidas que se tornou uma mais-valia para o turismo. Há uns anos, as nossas gentes eram mais fechadas, hoje gostam de contactar com quem nos visita e são muito prestativas para os visitantes.

Já quanto à gastronomia as coisas são bem diferentes do que eram há tempos atrás, mas para pior. Cada vez temos mais fast-food, e restaurantes a oferecerem uma carta ao turista com comidas que eles podem encontrar em qualquer lugar que visitem e até no seu país de origem, o que é um sinal preocupante.

Neste aspeto estamos claramente a dar passos errados, importamos produtos ali-



mentares, muitos congelados, como até peixe e carne, quando temos excelente peixe dos mares dos Açores e no caso da carne, em especial a de vaca, a dos Açores não tem comparação. Infelizmente, o mesmo se passa com a importação do abacaxi, quando o ananás dos Açores é de primeira qualidade.

Gostaria aqui de chamar a atenção, que ao não consumirmos os nossos produtos regionais, não estamos a contribuir para a economia local, e por outro lado as importações que fazemos prejudicam o ambiente, porque ao implicar o transporte marítimo ou aéreo dessas mercadorias estamos a deixar uma pegada ecológica que pode ser evitada”.

Disse no início, que as Casas Açorianas estão a ter um bom ano turístico, mas

Em segundo lugar, também se fica a dever ao trabalho que a Associação de Turismo em Espaço Rural Casas Açorianas tem desenvolvido na promoção das casas dos nossos associados e dos Açores como região, e evidentemente da promoção que é feita pela VisitAçores.

Por tudo isto, não havendo maiores instabilidades no mundo, e caso o mercado nacional não continue a descer para os Açores, a perspectiva é que 2026 possa voltar a ser um bom ano, tanto para nossa região como para

**“...estamos claramente a dar passos errados, importamos produtos alimentares, muitos congelados, como até peixe e carne, quando temos excelente peixe dos mares dos Açores e no caso da carne, em especial a de vaca, a dos Açores não tem comparação”**

as nossas Casas Açorianas.

Respondendo à questão sobre a relação que a Associação tem com os departamentos ou organismos da tutela, posso dizer que, no geral elas são boas, mas naquilo que é o relacionamento entre instituições há sempre um, “mas”. Temos algumas situações que foram menos positivas, vimos ser diminuído o nosso Contrato Programa de Investimento com Interesse para o Desenvolvimento do Turismo, que é anualmente feito com os Serviços de Recursos e Incentivo, o que vai impedir que possamos pôr em marcha algumas ações de promoção das Casas Açorianas que tínhamos previsto, nomeadamente na grande feira de turismo em Espanha, a FITUR.

Outro aspeto que aproveito para salientar é que para obras e modernização, melhorias ambientais ou tecnológicas, as Casas Açorianas ficam praticamente sempre de fora dos apoios feitos por vários departamentos do Governo Regional, que deveriam ter uma atenção especial pelas características destas unidades, é que nem chegamos lá solicitando alguma adenda aos pressupostos dos apoios, como por exemplo majorações de boas práticas que garantem, para além de mais qualidade, elementos únicos na nossa oferta turística que a diferencia nos Açores”.

# “O pessimismo é um estado de espírito que não existe”

**Posso estar enganado, mas nunca li uma entrevista do Presidente da Associação de Turismo em Espaço Rural, que me pareça tão pessimista como a que acabamos de fazer?**

“Não concordo. Para mim, e para a Associação de Turismo em Espaço Rural, o pessimismo é um estado de espírito que não existe, até pode parecer mas quando passar a escrita esta nossa conversa, irá verificar que ao responder às suas perguntas apenas tentei alavancar algumas questões, que nos preocupam e dar a opinião, que não são mais que singelos contributos para que o turismo nos Açores possa melhorar ainda mais, possa continuar a se desenvolver de forma correcta para não termos em causa o seu futuro.

Internamente, todos os que estão implicados na actividade económica do turismo, têm de saber para onde vamos, para podermos continuar a gerar riqueza para a região, darmos trabalho às populações e termos as “armas” necessárias para responder aos desafios que este mundo nos coloca.

Se outras razões não existissem, já bastava termos pela frente uma economia mundial mais instável do que era há pouco mais de ano, com a desestabilização provocada pelas guerras e pelas medidas económicas dos EUA. Só por si, estas situações poderão causar danos ao turismo mundial, poderão



vir a causar algum abrandamento na vontade das pessoas em viajar, o que não pode deixar de ser uma preocupação.

No entanto, os Açores têm uma condição natural vantajosa, somos um pequeno arquipélago no meio do Atlântico, pouco populoso e tranquilo, somos reconhecidos por termos paisagens fantásticas e preocuparmo-nos com o ambiente, e até por termos

um clima temperado todo ano e sermos uma gente que sabe receber.

A maior parte dos pressupostos que fazem de um território um destino turístico estão cá nos Açores e temos que saber tirar proveito desta nossa vantagem e estarmos preparados para o fazer”.

Marco Sousa



## Várias candidaturas entregues no concurso público

# Cais multiusos no Porto da Praia começa a ser construído em 2026

As obras de construção do Cais Multiusos do Porto da Praia da Vitória devem arrancar em 2026, tendo já sido apresentadas várias candidaturas ao concurso público.

“O processo está com o júri. Tenho conhecimento de que houve vários interessados. Agora estão na fase da pré-qualificação. Só os que forem qualificados é que passam à segunda fase”, revelou, a Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, Berta Cabral, durante uma visita ao Porto da Praia da Vitória.

O concurso público para a construção do cais multiusos foi lançado em 13 de Outubro, com um preço base de 40,3 milhões de Euros, e dava um prazo até 9 de Novembro para a apresentação de candidaturas.

Segundo Berta Cabral, só depois de qualificados os candidatos haverá uma segunda fase de apresentação de propostas, seguindo-se os procedimentos administrativos para a adjudicação da obra e o visto do Tribunal de Contas.

A Secretária Regional das Infraestruturas não quis, por isso, avançar com uma estimativa mais pormenorizada para o arranque da obra, mas disse que acontecerá em 2026.

A intervenção, que tem um prazo de execução de três anos, vai ampliar o cais acostável do Porto da Praia da Vitória em mais 350 metros (como



Foto DI

é possível ver na imagem publicada na capa), permitindo que a infraestrutura seja utilizada em simultâneo por navios de carga e de passageiros, incluindo cruzeiros.

“É uma obra esperada há muitos anos pela população da ilha Terceira e dos Açores em geral, que vem criar aqui um conjunto de outras valências e oportunidades para o porto, porque o porto é grande no seu terrapleno, mas tem pouco cais acostável”, assinalou Berta Cabral.

O Porto da Praia da Vitória tem actualmente um cais acostável de 350 metros, que duplicará de dimensão com esta obra.

“É difícil gerir quando há vários navios em simultâneo, nomeadamente graneleiros, cruzeiros, navios de carga, navios de tráfego local. Tudo isto carece de um reordenamento e da criação de um cais multiusos”, apontou a governante.

Berta Cabral venceu que a obra é “estrutural” e vai permitir consolidar o modelo de transportes marítimos de carga na Região.

“Já temos navios de porta-contentores todas as semanas em todas as ilhas, com excepção das Flores, porque têm uma situação particular. Temos mais navios, mais carga. Este é um modelo que está a evoluir permanentemente de acordo com o percurso que foi previamente determinado, estudado, que estamos a consolidar e a pôr em marcha”, frisou.

Orçada em 40,3 milhões de Euros, a obra está inscrita no Plano de Investimentos da Região para 2026, e será comparticipada em 85% pelo Programa Operacional Sustentável 2030.

Desde 2008 que se discute a possibilidade de construção de um cais de cruzeiros na ilha Terceira.

Inicialmente, estava previsto para Angra do Heroísmo e mais tarde chegou a ser pensada uma utilização partilhada do molhe usado pela Força Aérea norte-americana.

A construção de um cais multiusos no Porto da Praia da Vitória foi anunciada em agosto de 2023 pelo atual presidente do Governo Regional, José Manuel Bolieiro, que previa que a empresa Portos dos Açores lançasse o projeto até ao final daquele ano.

Para Berta Cabral, a opção pela construção de um cais multiusos é “muito mais versátil” e permite ter um cais de cruzeiros, que “ao mesmo tempo pode servir para outras atividades”.

Questionada sobre a demora no lançamento do concurso, Berta Cabral alegou que estes processos levam anos e que “há muito trabalho anterior a este momento de preparação de todas as peças procedimentais, do próprio projecto, sujeito a várias simulações e a vários pareceres técnicos”.

A Câmara do Comércio e Indústria de Angra do Heroísmo (CCIAH) manifestou “insatisfação” com a Declaração de Impacte Ambiental relativa à construção do cais multiusos, que foi favorável, mas condicionada, temendo “entraves e condicionantes” à concretização da obra.

A titular da pasta das Infraestruturas garantiu, no entanto, que o estudo de impacto ambiental não condicionou o processo.

“Os estudos de impacto ambiental, como todos os estudos, vão sendo feitos, vão sendo postos a audições e pareceres, vamos tentando limar as arestas de maneira a cumprir os requisitos que os estudos levantam. Eles dão um parecer favorável, condicionado à concretização daquilo que está no estudo. É isso que acontecerá. Vamos concretizar de acordo com o estudo”, explicou.